



LITERATURA E ENSINO: PROPOSTA PARA UMA LEITURA DIALÓGICA DO MUNDO NA (DA) SALA DE AULA

Robson Coelho Tinoco¹

*Não existe nem a primeira nem a última
palavra, e não existem fronteiras para um
contexto dialógico*

Bakhtin, 1982

RESUMEN:

LITERATURA Y ENSEÑANZA: PROPUESTA PARA UNA LECTURA DIALÓGICA DEL MUNDO EN LA SALA DE CLASES

Esta propuesta para el desarrollo de la concientización socioeducacional se estructura en actividades escolares –sobre todo las referentes a lectura literaria– con el objetivo de reevaluar dialógicamente con los alumnos sus posiciones como individuos sociales latinoamericanos. En ese contexto neocultural, el individuo-alumno-lector se presenta desorientado por conceptos distantes de su realidad; anulado por evaluaciones que exigen lo inutilizable; anclado en teorías educacionales ultrapasadas por un mundo globalizado con nuevos valores; oprimido por didácticas “libertarias” que no ofrecen material de comprensión eficaz de la sociedad y de él mismo; cansado de lecturas mal direccionadas e ineficientes.

Palabras claves: Conscientización socioeducacional, contexto neocultural, didáctica, concepción dialógica.

ABSTRACT:

LITERATURE AND TEACHING: PROPOSAL FOR A DIALOGICAL READING OF THE WORLD IN THE CLASSROOM

This proposal for the development of socio-educational conscience is structured in school activities –mostly those referred to literature reading– with the purpose of re-evaluating dialogically with the students their positions as social Latin-American individuals. In this new cultural context, the individual/student/reader seems disoriented by concepts distant to his or her reality; annulled by evaluations that demand the unusable; anchored in educational theories overwhelmed by world globalization with new values; oppressed by ‘libertarian’ didactics that do not offer effective material for comprehending society or oneself; weary of ill-directed and inefficient reading.

Key words: Socio-educational conscience, new cultural context, didactics, dialogical conceptualization.

ABSTRACT:

Esta proposta para o desenvolvimento da conscientização sócio-educacional se estrutura em atividades escolares –sobre todo as referentes à leitura, também literária– com o objetivo de reavaliar com os alunos, dialogicamente, suas posições enquanto indivíduos sociais. Nesse contexto neocultural, o indivíduo-aluno-leitor assim se apresenta: desorientado por conceitos distantes de sua realidade; anulado por avaliações que exigem o inutilizável; ancorado em teorias educacionais ultrapasadas por um mundo com novos valores; oprimido por didáticas “libertárias” que não oferecem material de compreensão eficaz da sociedade e dele próprio; cansado de leituras mal-direccionadas e ineficientes. Com tal preocupação, os fundamentos teóricos desta proposta consideram, basicamente, uma concepção dialógica e interacionista da linguagem apoiada em Mikhail Bakhtin. Nela, a circulação das atividades de leitura realizadas pelos alunos, e mesmo professores, são vistas como possibilidade de permitir a interlocução, considerando a realidade de sala de aula, com o mundo.

Palavras-chaves: Conscientização sócio-educacional, contexto neocultural, didáticas, concepção dialógica.

¹ Coelho Tinoco, Robson, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil.

1. INTRODUÇÃO

Entendam-se seus fundamentos como fases articuladas de um processo de conscientização de base dialógica –leitor-autor; indivíduo-mundo– que envolvam atividades de leituras várias com o intuito de uma visão/leitura de mundo mais criticamente estabelecida. Na obra *Estética da criação verbal*, ao considerar este contexto de leituras, mundo e, ainda, *gêneros do discurso*, Bakhtin aponta para o fato de que, na vida concreta, trabalha-se sempre com enunciados completos, em que cada esfera de utilização da língua elabora seus “tipos relativamente estáveis”. Assim, quanto mais complexa é uma sociedade, mais complexos serão os gêneros do discurso a serem percebidos em sua função de literariedade e informatividade.

Ao buscar a articulação entre a expressão literária e informação objetiva de um texto, a essência dessa proposta reside na composição de um conjunto de atividades com os alunos, em sala de aula, a partir de textos-base aplicados. Tais textos visam ao estabelecimento de novos paradigmas educacionais para a compreensão dessa nova sociedade pós-moderna, envolta por conceitos e técnicas de informática, cibernética, semiologia, ética e a sempre tão (mal)debatida questão da *leitura dialógica* que os integra em uma rede única de conhecimentos.

Revelando certa confusão conceitual, apesar da ironia assumida, Bakhtin (op. cit.) avalia que em nosso mundo contemporâneo é impossível assumir uma verdade absoluta e, assim, devemos nos contentar em citar mais que falar em nosso próprio nome. A proposta aqui apresentada, ao procurar superar criticamente tal “noção de ironia”, considera que o valor da educação do aluno-indivíduo será medido pela sua capacidade pessoal, integrada ao coletivo, em articular de maneira equilibrada os dados, hipóteses e inferências contidos em uma *onda* informacional –entenda-se educação do futuro.

Nessa *onda* se vai, cada vez mais, tentar ultrapassar os limites do conhecimento com o objetivo de se chegar à sabedoria. Tal transição não ocorre automaticamente e, portanto, deve ser trabalhada como conjunto bem articulado de meios e capacidades sócio-indivíduos voltados para um processo de aquisição-entendimento da linguagem –em sua nova função dialógica– que necessariamente precisa ser a menos problemática possível. É fundamental que essa linguagem seja veículo para expressão das idéias e não fim de um estudo –aqui, aliás, o objetivo central que sustenta tal proposta.

2. LEITURA DE MUNDO: (DES)LEITURA DA ESCOLA

Quanto às situações de ensino-aprendizagem relacionadas à leitura, na universidade brasileira, considerem-se, entre outras, essas duas como básicas: uma profunda insatisfação com a linha atual de análises literárias que se perdem, normalmente e desde muito tempo, em considerações que não permitem compreensão ampla dos sentidos das leituras feitas; uma não menor insatisfação com a organização acadêmica, em vários níveis, promovendo um exercício institucional-pedagógico desarticulado das reais necessidades da sociedade em que está inserido.

Considerando esses pontos, é fundamental:

- (re)avaliar, segundo Theages, três princípios básicos das virtudes –*conhecimento, poder e escolha*–, o que levaria ao conceito de Wittgenstein, no qual as atividades humanas resultariam no próprio conceito de cidadania;
- perceber a relação entre uma ciber-ética e o educador como indivíduo ético articulando *informação, conhecimento, aprendizagem* e, enfim, *educação*.

Assim, devem se considerar possibilidades como o uso do computador na educação apontando para uma nova direção: o uso da tecnologia de objetos não como “máquinas de ensinar” mas como nova mídia educacional. O computador passa a ser, pois, ferramenta para aperfeiçoamento técnico e mesmo humano de seu usuário e estudos sobre *avanços* dessa nova tecnologia, presente em variados ambientes, avaliam que ela ainda não pode ser amplamente utilizada pelas escolas/universidades –com estruturas educacionais ainda fortemente refratárias a essas novidades e dependentes de um sistema marcado ou por uma visão organizacional imediatista ou institucional paternalista. Aliás, esses modelos de atuação das organizações e instituições foram analisados por Marilena Chauí, que considera aquelas se estruturando por meio de uma prática sócio-econômica fundada na instrumentalidade de objetivos (planejamento, previsão de investimentos etc.) e não em projetos de pesquisa.

Nesta estrutura sócio-educacional, o projeto realmente importante é possibilitar que todos tenham as mesmas chances de aprendizagem –via leitura como elemento dialógico– e de disputar as vagas de trabalho, surgidas nessa nova sociedade pós-moderna, ciberocrática e distante das atividades de leitura como (re)descobrimto de si mesmo e do mundo. Esse projeto, fundado na realidade, só será possível com educação de qualidade e amplamente democrática a todas as pessoas.

Considere-se ainda, que toda forma de linguagem expressa uma informação dialógica que, devidamente apreendida e avaliada, pode se prestar a ser fator de aprimoramento intelectual e de convivência social. Assim, o contexto sócio-cultural é o meio em que a mensagem se transforma e a linguagem, *mostrando-se* à pessoa, revela sua faceta de comunicação e poder.

A linguagem escrita, neste contexto de análise, pode cumprir o papel de transformar a pessoa em um leitor consciente quando ele exerce a atividade de ler de maneira produtiva e reveladora e isto na medida em que, mais que a obra, ele *lê*, por meio dela, o(s) mundo(s) do autor e dele próprio, leitor. Pesquisadores como Eni P. Orlandi (1988) afirmam que a leitura ▫considerada neste trabalho como *leitura conscientemente produtiva*– é produzida em condições determinadas, ou seja, em um momento histórico que deve ser levado em conta, para uma apreensão mais *efetiva e eficaz* da leitura feita.

3. UMA DIALOGIA SOCIAL DA PERCEPÇÃO: LER O MUNDO QUE NOS LÊ

No exercício da leitura não há separação entre “processo e produto”, pois na interlocução o sentido se constitui a cada momento de forma múltipla e fragmentária. *Múltipla*, porque cada leitura se integra à particular experiência mundo-vida de cada leitor; *fragmen-*

tária, porque “fragmento de vida” representa uma determinada circunstância e situação em que ela (a leitura) é realizada. Esta relação dinâmica entre atos de conhecimento (processo) e coisa produzida (produto) finda por representar a linguagem –o exercício de ler.

Assim considerada, a leitura não é mera apreensão de um sentido escrito, mas processo determinado por elementos, ora mais técnicos –paragrafação, concisão, teor argumentativo etc.–, quando se trata de textos dissertativos; ora mais estilísticos [criatividade, neologismos, teor poético etc.–, quando os textos são literários. Todavia vários são aos autores, entre eles Orlandi (1989), que observam o quanto a escola (orientada por pesquisas universitárias parciais) tem cometido o erro de igualar tudo.

O que se propõe como boa (e produtiva) leitura é *ler* o mundo em uma obra escrita; *ler* as marcas de um Homem-Sujeito que faz do mundo seu Objeto de existência e comunicação –Homem que está no mundo: Transformador-sujeito-transformado em fonte viva de acumulação de suas próprias experiências de vida e mais as das outras pessoas. Robert Jauss, dentre outros, na base teórica de sua Teoria da Recepção, trata dessa questão primordialmente.

Para essa *leitura produtiva* é fundamental avaliar a obra escrita como linguagem mostrando o mundo, porque o revela, na medida em que o leitor se percebe refletido nela. Tem-se, enfim, como uma das conseqüências deste processo comunicativo, um leitor que *lê melhor*, porque *lê mais*, apreendendo mais conscientemente as informações, pelo fato de ter aprimorado sua leitura.

Uma boa leitura se faz por meio de um processo consciente em que ela, produtivamente, mostra-se como representação de consciência que busca *quem?* é o sujeito que lê e *o quê?* é o objeto lido, pois o ato de ler nada mais é que reflexo direto do *hábito* de ler ou, antes, quanto mais se está habituado a ler, melhor se estabelece este ato representando uma, dentre tantas, “função social” (Camacho, 1988:29).

Ao se retomar o conceito proposto *ler bem: um estado de consciência*, onde a idéia-base é a de que

ler bem (gera um) estado (eficaz) de consciência,

surgem as seguintes constatações:

- 1) A pessoa alfabetizada pode ler as formas das palavras sem saber ainda *desvendar* suas muitas possibilidades de significado nos vários contextos; portanto, mais *vê* do que *lê* (ao desvendar a leitura feita).
- 2) A pessoa inconsciente de sua função social como leitor, *lê* sem propriamente *chegar* ao texto; *lê* sem o *ler direito* por motivos como:
 - impaciência, desenvolvimento, preguiça advindas de obrigação escolar;
 - interesses pontuais (concursos vários, vestibular etc.);
 - mera imposição sócio-intelectual.
- 3) A pessoa consciente –produto humano de um processo de conscientização social que promove o processo verbal– *lê* pelo prazer do ato em si ou pelo “prazer da necessidade” de ampliar conhecimentos; *lê* como obrigação sim, que, todavia, leva ao aprimoramento

da paciência, da percepção da própria expressão verbal; leva, mesmo, ao aprimoramento do conceito de cidadania.

Em resumo, pode-se dizer das pessoas, aqui consideradas *sujeitos-leitores* que:

- a) O sujeito aleatoriamente alfabetizado mais vê, pouco lê;
- b) o sujeito inconsciente do *processo de leitura* do qual ele próprio, enquanto agente, faz parte, não lê propriamente, pensando que lê bem, ou nem pensa em nada e
- c) o sujeito consciente *vê* (percebendo sutilmente) o que *não precisa* ser lido: classifica, seleciona muito melhor e mais rapidamente as informações e, aprofundando-as, *lê* a “essência” do texto, ou melhor, lê também sua essência. Lê (produtivamente) bem, enfim.

Aprender a essência de uma mensagem qualquer, seja em uma leitura atenta do complexo *Ulysses*, de James Joyce ou do *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa, tanto quanto na leitura de informações intencionalmente implícitas de um texto publicitário ou de um bilhete, repleto de gírias e anglicismos (escrito, por exemplo, por um jovem surfista para sua namoradinha), sempre requer, pouca ou muita, atitude reflexiva.

Reflexão é já compreensão e, em se tratando especificamente de atividades de leitura, “*não basta decodificar as representações indiciadas por sinais e signos; o leitor porta-se diante do texto transformando-o e transformando-se*” (Silva, 1987:44).

Refletir sobre uma leitura que se faz, percebendo que *soh* ela estão as raízes produtoras da mensagem essencial do autor, é compreendê-la além da simples representação verbal de um texto escrito; é perceber esses três propósitos da leitura, relacionados por Silva (op. cit.: 45) como os fundamentos de uma produtiva reflexão:

compreender a mensagem,
compreender-se nela e
compreender-se por ela.

Neste processo de leitura dialógica produtiva, a informação subjetiva gera informação mais objetiva que, analisada e compreendida, promove aberturas para nova análise subjetiva e assim sucessivamente. Seguindo esta linha de argumentação, e num sistema onde *educação libertadora* gera um *plano de conscientização* promovendo *leitura crítica (produtiva)*, pode-se estabelecer que:

- 1) educação libertadora se refere a “atos livres que levam a refletir, interpretar, compreender”; e
- 2) leitura crítica se refere a “atos de constatar, comparar e transformar”. (Silva, 1987: 80)

4. PLANO DE CONSCIENTIZAÇÃO DIALÓGICA: LER A PALAVRA CARREGADA DE MUNDO

O processo conscientizador revela-se em um determinado *plano* levando em conta a condição primeira de, pela reflexão e questionamento, libertar-se de tudo que se mostra, a princípio, politicamente correto, filosoficamente reacionário, psicologicamente simples. Esses três níveis teóricos surgem como componentes de uma estrutura social tradicional e ultrapassa-

ssada, porque fechada em si mesma –estrutura que tem na própria preservação inquestionável o único, e por isso injusto, sentido de funcionamento e continuidade.

Este processo conscientizador expõe variantes, e uma das mais revolucionárias e criticadas, e mal trabalhadas, é a Leitura. Estar, pois, consciente de que ler é “mais que ver”, já é “ler melhor” e esta consciência é trazida à luz por uma leitura crítica, revelando e refletindo as várias funções sociais da pessoa. Esta função implica um funcionamento mais integrado entre os vários níveis de comunicação, que vão desde as primeiras informações no convívio familiar, passa pela relação escola-pessoa e se reflete no dia a dia profissional que, se tudo é mesmo um “processo cíclico”, finda por se manifestar, novamente, na família.

Assim conscientizada num processo de “desenvolvimento intelectual” pelas experiências vividas, e percebendo que o enunciado de um texto faz parte de relações extra-textuais (Bakhtin, 2001), uma pessoa pode, quando da fase de sua vida escolar (entenda-se universitária), e enquanto leitor, realizar uma leitura mais produtiva no que diz respeito à apreensão das informações subjetivas –suportes das chamadas informações essenciais. A questão é que a pessoa se aprimora enquanto desenvolve sua capacidade de refletir, questionar, descobrir– aprimoramento promovido pela conscientização de um ser-agente consciente de si e do mundo que o cerca.

Por esse processo tem-se um leitor consciente que “*com o aprimoramento da leitura numa percepção estética e ideológica mais aguda e com a visão crítica sobre sua atuação e a de seu grupo, torna-se agente de aprendizagem, determinando ele mesmo a continuidade do processo, num constante enriquecimento cultural e social*” (Bordini e Aguiar, 1988: 91). Tem-se um leitor-agente ágil na apreensão do *texto implícito diluído* no texto apresentado pela mensagem escrita; ágil no exercício da reflexão, da descoberta, da análise comparativa e na relação entre informações relevantes ou não para a compreensão de uma dada obra literária.

Uma leitura produtiva busca o *contato* com uma pessoa, representada por sua expressão de leitor que percebe, *também* por este exercício (só o ato consciente de ler não possibilita uma real apreensão do momento sócio-cultural que se vive), uma ampliação de suas capacidades, já que “*o processo de recepção se inicia antes do contato do leitor com o texto. O leitor possui um horizonte que o limita mas pode transformar-se continuamente, abrindo-se. Este horizonte é o do mundo de sua vida, com tudo que o povoa: vivências pessoais, culturais, normas jurídicas, filosóficas etc.*” (op. cit.: 87)

4.1 CRONOGRAMA PARA APLICAÇÃO DE ATIVIDADES PROPOSTAS

Período proposto: 2 meses (considerando-se que cada aula terá dois períodos)

1º MÊS

1ª Semana:

1ª Aula / 1º Período - *Avaliação geral das atividades a serem desenvolvidas.*

□ O professor, neste primeiro momento, discutirá com os alunos os objetivos das atividades a serem desenvolvidas, centrando-se na importância de, por meio desse desenvolvimento consciente e criativo, trabalhar a capacidade que cada um tem de realizar uma leitura mais produtiva, do ponto de vista de uma melhor apreensão das informações veiculadas pelos textos apresentados.

Faz-se uma análise geral da realidade sócio-histórica na qual se vive –e nela, a realidade educacional– a fim de que professor e alunos possam, numa discussão aberta e sincera, entender como sendo importante as atividades propostas ao longo do bimestre.

1ª Aula / 2º Período - *Distribuição dos temas para pesquisa (com posterior apresentação em sala de aula) sobre “Conscientização do sentido de cidadania e desenvolvimento social”.*

□ Antes de propor estratégias para uma leitura mais produtiva, o objetivo deste trabalho é avaliar como é importante a conscientização da pessoa que lê. Nesta linha de avaliação, o livro aparece como “objeto acabado” pronto para o consumo e o leitor, como “sujeito em acabamento” –ser com possibilidade contínua de aprimoramento de opiniões e conceitos. Partindo dessa premissa, antes da leitura (por exemplo, de livros literários) há que se estabelecer todo um trabalho de *consciente disposição* do aluno –leitor em potencial– ao ato produtivo desta leitura.

A proposta de distribuição de temas gerais para pesquisa visa a oferecer aos alunos as condições básicas para que eles, mediante suas próprias habilidades para discussão em grupo, divisão de tarefas, pesquisas em bibliotecas, coleta geral de dados (e sua pertinência para o trabalho), possam ir se familiarizando com os conceitos implícitos em palavras como consciência, desenvolvimento e contexto sociais, grupos sociais, conscientização etc.

Os temas propostos pelo professor, depois desta preleção com os alunos, seriam os que versassem sobre assuntos como, por exemplo:

- O nível de conscientização política das pessoas no Brasil.
- O desenvolvimento econômico e a possibilidade de as classes sociais dele poderem usufruir.
- O sistema educacional como prioridade, ou não, dos governos municipal, estadual e federal.
- A relação liberdade X juventude: a vida em sociedade.
- Os métodos de ensino atuais e a questão da Conscientização.
- A importância da língua portuguesa no dia a dia das pessoas.

- A universidade como ambiente moderno de transmissão de informações.

Observa-se que a atividade de pesquisa sobre esses temas, que não são “fechados” mas fruto de uma discussão prévia em sala de aula, tem a intenção básica de oferecer ao aluno, através de seu próprio trabalho, as primeiras noções do que seja *conscientização social* para que ele possa perceber mais claramente, ao longo do processo, a importância de ser, também, um “bom leitor”.

1ª Aula / 3º Período - *Discussão preliminar sobre Níveis de Importância de textos escritos.*

□ A discussão, coordenada pelo professor (que pode dividir a turma em grupos, se desejar), seria estabelecida pelos depoimentos dos alunos frente a leituras anteriormente feitas (livros, revistas, gibis etc.). Ele deve, todavia, buscar encaminhá-la para a avaliação de alguns pontos tais como:

- O hábito de ler textos simples (histórias infantis, por exemplo), desde criança, ajudariam na leitura de textos mais complexos (um romance de uma escola literária)?
- A “postura” do leitor frente a textos de assunto não específico – os literários, por exemplo – tem que ser necessariamente diferente, ou os variados textos exigem o mesmo grau de atenção do leitor à leitura feita – avaliação sobre informações implícitas e explícitas no texto?
- Ler gibis, revistas variadas (sobre esportes, moda, música etc.) tem sua importância dentro do contexto cultural em que se vive?

Esta discussão, sendo elemento de introdução geral do aluno quanto à conscientização, deve, se possível, ater-se aos pontos elencados acima e a uma aula. Ressalva-se que estes “limites” de assunto e tempo devem ser respeitados à exata medida em que o professor considere que o debate proposto serviu ao intuito básico –o de despertar o aluno para algumas considerações sobre:

- 1) A importância sócio-cultural dos variados tipos de textos escritos;
- 2) a validade da leitura desses textos também na universidade e
- 3) o fato de toda leitura, desde que se esteja consciente de sua função, ter seu grau de necessidade e utilização.

2ª Semana:

2ª Aula / 1º Período - *Leitura de três textos propostos com diferentes níveis de construção para análise dos alunos.*

□ Oferecendo textos não muito longos, o professor, mediante análise comparativa entre eles, pode levantar alguns indicadores de intenção dos autores ao escrevê-los. Essa análise permitiria aos alunos perceberem que a linguagem, quanto mais desviada de sua linearidade gramatical-discursiva, mais exige do leitor uma efetiva disposição para apreendê-la em suas possibilidades de expressão.

Avalia-se esse exercício de “habilidade interpretativa” como positivo na medida em que o aluno-leitor (decodificador de mensagens) passe a avaliar o trabalho com a expressão escrita como algo mais amplo mais do que alinhar palavras em uma dada seqüência lógica, mesmo

em se tratando de um texto dissertativo, que prima por esta lógica textual.

Como exemplo, o professor poderia oferecer à turma:

- a) Um texto publicitário.
- b) Um breve poema.
- c) Um trecho de texto dissertativo.

2ª Aula / 2º Período - *Leitura de um “texto técnico” e um “texto poético” que tratem do mesmo assunto para avaliação pelos alunos da seguinte questão: Um texto literário, por ser “obra aberta”, exige uma leitura mais atenta?*

□ A intenção no desenvolvimento desta atividade é a de esclarecer para os alunos que há diferenças quanto à intenção com que se deve ler determinadas obras.

Deve ficar claro para eles que há obras cujo interesse básico é informar com concisão e objetividade ao leitor (caso de uma notícia de jornal) e outras em que o autor, mais que informar, preocupa-se em “transformar” a linguagem padrão fazendo uso de uma ambigüidade intencional trabalhada com recursos poéticos expressos por elementos subjetivos (caso de um poema, um conto, um romance).

O professor, para tanto, dividirá a sala em grupos a fim de que, depois das leituras e discussões prévias feitas, sejam apresentadas e debatidas as opiniões dos alunos com o intuito de se avaliar “as intenções” dos autores, ao escreverem seus textos, e as “intenções” de leitura. A apresentação das opiniões de cada grupo, coordenada pelo professor, será feita na aula seguinte.

OBSERVAÇÃO:

Esta aula tem também a intenção de complementar a análise sobre os “Níveis de compreensão” para leituras de textos distintos, atividade desenvolvida na 1ª Aula da 2ª Semana.

2ª Aula / 3º Período - *Produção de texto*

□ Este momento fica reservado ao trabalho com a produção de textos breves como um parágrafo dissertativo ou um texto descritivo de objetos ou mesmo pessoas da sala de aula.)

É importante que o professor avalie com os alunos que o processo de leitura envolve outras expressões como a da escrita, em que, à medida que melhor se produz um texto (levando em conta todos seus níveis de construção), melhor são fixadas as estruturas frasais, gramaticais e, portanto, melhor e mais facilmente estas estruturas serão “lidas” em uma leitura mais produtiva porque mais consciente dos elementos que a compõem.

3ª Semana:

3ª Aula / 1º Período - *Leitura proposta de livros característicos de uma Escola Literária a ser estudada e divisão de grupos para pesquisa de informações sobre a época referente (aspectos da religião, artes, ciências, hábitos sociais, políticas etc.).*

□ Como atividade voltada à leitura de obras das Escolas Literárias, o professor pode iniciar este momento avaliando a importância em se ler tais obras, cujos conteúdos representam a própria evolução histórica do país.

Ao término dessa avaliação o professor apresentará a relação dos livros que caracterizaram determinada Escola, ponderando que eles são reflexo de toda uma época estruturada pelos mais variados aspectos culturais (religião, política etc.) cuja composição será pesquisada pelos alunos, divididos em grupos, e posteriormente apresentada para melhor posicioná-los frente à leitura feita e sua relação com a época atual.

Em se tratando do Romantismo, por exemplo, os livros da Escola Romântica seriam distribuídos aos grupos (poderia ser um mesmo título a cada um deles), que também ficariam responsáveis por pesquisar um determinado aspecto sócio-cultural da época, neste caso, basicamente o século XIX.

3ª Aula / 2º Período - *Apresentação de temas pesquisados* (distribuídos na 2ª Aula da 2ª Semana).

□ Nessas aulas os alunos, previamente divididos em grupos e orientados pelo professor, apresentarão as pesquisas feitas avaliando-as sob o ponto de vista de sua estruturação e devem levar em conta elementos como:

- dificuldades encontradas para a reunião do material a ser pesquisado;
- divisão das funções, e seu critério, para cada componente do grupo;
- manifestação da opinião própria do grupo frente às opiniões (conceitos, idéias, análises dos autores) dos textos pesquisados;
- relação do tema da pesquisa com a questão da “conscientização dialógica da pessoa”;
- preocupação de promover um debate, sobre as opiniões manifestadas, com os outros grupos.

OBSERVAÇÃO:

Estes elementos, como norteadores da composição da pesquisa apresentada, devem ser discutidos com os alunos ainda quando da distribuição dos temas propostos, direcionando assim o trabalho a ser desenvolvido e facilitando a eles sua própria execução.

3ª Aula / 3º Período - *Idem.*

4ª Semana:

4ª Aula / 1º Período - *Texto proposto para análise (experiência para uma leitura consciente).*

□ Após a leitura:

- a) Levantamento das palavras desconhecidas (trabalho com dicionário).

- b) Relação, feita pelos alunos, dos pontos importantes do texto, com breve explicação escrita dos motivos das escolhas desses pontos. Esta relação e comentários serão utilizados, na aula seguinte, como subsídio às análises dos alunos.

4ª Aula / 2º Período - *Idem.*

□ Esta aula representa um efetivo início de trabalho com os alunos no intuito de promover leitura mais produtiva, fruto de uma conscientização despertada pela aplicação das atividades anteriores compondo mesmo um processo conscientizador.

Esse processo, construído a cada aula até aqui vivenciada, vem num ritmo contínuo de aprendizagem e expressão como resultado do desenvolvimento psico-social da pessoa ainda na sua família, na relação com os amigos, nos primeiros contatos com escola, cuja responsabilidade não é a de criar pessoas conscientizadas de sua função social (e nela, a função de leitor) mas, antes, de “despertar” e “aprimorar” nessa pessoas o que elas têm de *potencialidade de conscientização*.

Seguindo este *processo de vida*, é que a escola encontra seu espaço e momento. Agente transformador, ela pode oferecer subsídios – mediante processos realistas de aprendizagem – que auxiliem os alunos a, conscientizando-se, realizarem melhor suas atividades diárias.

Os alunos deverão avaliar o texto lido, além de seu sentido dialógico, levando em conta itens previamente discutidos como:

- interesse despertado pela leitura;
- envolvimento com a trama narrativa;
- aspectos da linguagem utilizados pela autor (pontuação, neologismos etc.);
- nível de acompanhamento da linha narrativa (“grau de dificuldade” para acompanhar o desenrolar da narração);
- a construção dos personagens (“grau de complexidade” do aspecto psicológico dos personagens);
- mensagens implícitas ao longo do texto;
- a relação da leitura feita e sua aplicação, como componente de aprimoramento social, à própria vida do aluno.

Ao professor cabe, lembrando os alunos da importância de se estruturar a análise na avaliação desses itens (não necessariamente todos), organizar e coordenar a apresentação das leituras feitas procurando torná-las informativas dos pontos principais do texto e não simples descrições de resumos, por vezes exageradamente detalhados. Cabe a ele conseguir agilizar as apresentações de forma que, nessas duas aulas, o maior número possível de alunos possa se manifestar; deve, todavia, antes de qualquer intenção de se respeitar o “limite” de tempo proposto, ter a preocupação de permitir uma expressão livre e pessoal ao aluno que desejar manifestar-se.

2º MÊS**1ª Semana:**

1ª Aula / 1º Período - *Apresentação das pesquisas feitas (atividade da 1ª aula, 3ª Semana do 1º Mês) sobre os aspectos gerais da sociedade da época referente à Escola Literária estudada no período letivo.*

1ª Aula / 2º Período - *Idem.*

2ª Semana:

2ª Aula / 1º Período - *Idem.*

2ª Aula / 2º Período - *Idem.*

2ª Aula / 3º Período - *Avaliação geral das pesquisas realizadas nas aulas anteriores.*

□ Seguindo a orientação das outras atividades desenvolvidas em sala de aula, também nesta o professor deve ter a preocupação de esclarecer os alunos quanto à importância de conhecer mais amplamente a sociedade na qual viviam os autores das obras pertencentes à Escola Literária que será estudada.

Estabelecendo a relação, pois, do meio social como um dos fatores de produção de um trabalho artístico, ao professor cabe orientar os grupos para que, utilizando de “instrumentos efetivos de comunicação”, consigam informar os colegas sobre a influência de um determinado aspecto na composição da sociedade da época. Esses instrumentos poderiam ser:

- apresentações em forma de seminário, do tema pesquisado;
- proposta de debates;
- uso variado de meios áudio-visuais;
- músicas da época com mensagens significativas;
- teatro de fantoches;
- representações teatrais etc.

OBSERVAÇÃO:

Nada impede que os grupos, se desejarem, e com o intuito de enriquecer o trabalho, possam utilizar mais de um desses instrumentos, integrando-os para uma melhor exposição do tema.

A hipótese é que, de posse de informações mais variadas sobre um dado período histórico-social, o aluno possa avaliar mais criticamente os componentes de manifestação artística desse período (no caso, realizando “leituras produtivas” de livros pertencentes a determinadas correntes literárias) por meio de um processo eficaz de aprendizagem em que há uma melhor apreensão das informações contidas nas obras de autores românticos, realistas, modernistas etc.

3ª Semana:

3ª Aula / 1º Período - *Apresentação e discussão sobre os livros lidos* (relação de livros das Escolas Literárias distribuída na 1ª Aula, 3ª Semana do 1º Mês).

3ª Aula / 2º Período - *Idem.*

4ª Semana:

4ª Aula / 1º Período - *Idem.*

4ª Aula / 2º Período - *Idem.*

□ Seguindo a linha de trabalho e valorizando a criatividade como um dos fatores para aprimorar nos alunos o que eles tenham de “potencial de conscientização”, o professor deve propor a eles que procurem, sobretudo, ser inovadores quanto à apresentação programada para essas aulas. Essa “inovação” pode ser representada por uma maneira de apresentar o livro que, ágil, inteligente e informativa, desperte o interesse dos colegas ao trabalho feito.

Se compete ao professor alertar a turma para esta preocupação com a criatividade, é de inteira responsabilidade dos alunos a escolha dos meios para passar e trocar as informações “colhidas” nas leituras feitas (representar teatralmente uma passagem do livro é boa idéia e é importante para ajudar os alunos a “fixarem melhor” a trama narrativa –e nela a composição dos personagens– como é importante procurar posicionar a obra dentro do contexto social em que foi produzida).

O professor deve oferecer possibilidades de expressão à turma ressaltando “o erro” daqueles que, movidos por uma leitura mal feita ou por aquilo que pareça “menos trabalhoso”, contentem-se em realizar o trabalho –apresentar um livro lido– sem nenhum tipo de novidade, fazendo com que a sala se disperse e, nesta dispersão, não aprenda nada de realmente útil.

Ao professor cabe, também, antes das apresentações, deixar claro os itens que serão avaliados, de acordo com sua linha de trabalho. Esses itens, entre outros, podem ser:

- divisão racional das funções dentro de cada grupo de alunos;
- preocupação com a criatividade na apresentação;
- esclarecimentos quanto a relação entre a obra (produto) e o período histórico respectivo (meio);
- esclarecimentos quanto à composição narrativa (processo de criação baseado nas características de estilo da época);
- análise do conteúdo / forma da obra (divisão das partes, perfil dos personagens principais, trama narrativa, conceitos implícitos, clímax, posição do narrador, tipo de linguagem etc.);
- preocupação em apresentar o trabalho dentro do tempo estipulado para cada grupo;
- análise do contexto da obra e sua relação com a sociedade contemporânea (as “sociedades” se igualam e se diferenciam em quê?)

4ª Aula / 3º Período - Avaliação final das atividades desenvolvidas ao longo do Bimestre. Proposta de um tema a ser discutido:

Um aluno mais consciente e sua produção escolar – processo e produto.

□ O professor deve propor esta discussão com o intuito de observar “quanto” foi apreendido das estratégias desenvolvidas, em sala de aula e fora dela, na intenção de gerar uma leitura mais consciente de que a aprendizagem (e aqui o re-aprender a ler) é um processo.

Com a turma, ele deve avaliar os pontos positivos e negativos (e seus porquês), as dificuldades encontradas nesse desenvolvimento e os resultados obtidos, satisfatórios ou não, com vistas a valorizar a figura de um leitor consciente de sua função política – a leitura toma, nesta análise, uma posição de instrumento de conscientização social.

A discussão deve procurar ser mais uma estratégia inovadora da experiência vivida pela turma – avaliando este momento final como uma consciente retomada de posição frente a sua realidade sócio-educacional – do que acabar sendo mais uma exigência curricular, em que o que conta, basicamente, é a nota recebida que permite, ou não, passar para a outra série.

Esse é um momento, portanto, onde o professor deve deixar claro para si próprio e para os alunos que se faz necessária, como opção mesmo de uma experiência de convívio social mais pleno, uma relação efetiva de ensino-aprendizagem estabelecida em um processo de (re)descoberta da criatividade e da consciência educacional como elementos construtores de uma escola e nela, com ela, de um novo aluno. E um novo professor.

4.2 ESQUEMA DA METODOLOGIA APLICADA

1º MÊS

Aulas

1ª Semana

- 1.1. Comentários gerais sobre as atividades a serem realizadas.
- 1.2. Distribuição de temas vários, relacionados à conscientização sócio-cultural, para pesquisa posterior.
- 1.3. Discussão proposta: Níveis de importância de textos escritos.

2ª Semana

- 2.1. Leitura de três textos (diferentes níveis de construção e compreensão).
- 2.2. Leitura de um texto técnico e um poético (mesmo assunto).
- 2.3. Produção de um breve texto (p. ex., um parágrafo dissertativo).

3ª Semana

- 3.1. Atividade c/obras literárias: inf. gerais e divisão de grupos para posterior pesquisa.
- 3.2. Apresentação de Temas (aula 2).
- 3.3. Idem (uso de meios áudio-visuais etc.).

4ª Semana

- 4.1. Texto proposto para análise (1ª experiência de leitura produtiva).
- 4.2. Idem.

2º MÊS

1ª Semana

- 1.1. Apresentação das pesquisas feitas (aula 7).
- 1.2. Idem (vídeos, curtas-metragens etc.).

2ª Semana

- 2.1. Idem.
- 2.2. Idem.
- 2.3. Avaliação geral das pesquisas realizadas.

3ª Semana

- 3.1. Apresentação e discussão dos livros lidos (aula 7).
- 3.2. Idem.

4ª Semana

- 4.1. Idem.
- 4.2. Idem.
- 4.3. Avaliação final das atividades / Tema proposto:
“Um aluno mais consciente e sua produção escolar – processo e produto”.

BIBLIOGRAFIA

- Bakhtin, Mikhail M. (1997): *Estética da criação verbal*. São Paulo, Martins Fontes.
- Bordini, Maria da Glória & Aguiar, Vera Tcixeira de (1988): *Literatura – a formação do leitor*. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- Faraco, Carlos A.; Tezza, Cristóvão; Castro, Gilberto de (2001): *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba, Ed. UFPR.
- Lajolo, Marisa & Zilberman, Regina (1991): *A leitura rarefeita – livro e literatura no Brasil*. São Paulo, Brasiliense.
- Orlandi, Eni P. (1989): *Discurso e leitura*. São Paulo, Cortez / Campinas, Ed. UNICAMP.
- Possenti, Sírio (1996): *Porque (não) ensinar gramática na escola*. Campinas, Mercado de Letras.
- Silva, Ezequiel Theodoro da (1983): *Leitura e realidade brasileira*. Porto Alegre, Mercado Aberto.
- Silva, Ezequiel Theodoro da (1992): *O ato de ler – fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura*. 6ª ed. São Paulo, Cortez / Autores Associados.